

TÍTULO DO TRABALHO			
REVOLUÇÃO CUBANA: A DESAGREGAÇÃO DO REGIME COLONIAL E SEU SIGNIFICADO HISTÓRICO-POLÍTICO FRENTE ÀS NAÇÕES LATINO-AMERICANAS			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Gheidlla Jheynnata Mendes Nogueira	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM	Estudante
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>As independências das colônias latino americanas, não objetivaram a supressão da velha ordem colonial devido às suas condições reais de dependência externa e de debilidade política dos estratos dominantes. Nesse sentido, a ordem seguinte se deu sob o neocolonialismo passando para um capitalismo subdesenvolvido cada vez mais opressor e perverso para com “os debaixo”. Entretanto, Cuba introduz na história latino americana a possibilidade concreta de desintegrar o sistema colonial e introduzir um novo padrão de desenvolvimento com bases socialistas. Com referência a Florestan, esses aspectos serão desenvolvidos neste trabalho.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Cuba, neocolonialismo e revolução.			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>The independence of Latin American colonies, not aimed at suppressing old colonial order due to their real conditions of external dependence and political weakness of the dominant strata. In this sense, the order was given under neocolonialism going to capitalism underdeveloped increasingly oppressive and wicked towards the "under". However, Cuba introduces in Latin American history the concrete possibility of disintegrating the colonial system and introduce a new standard of development with socialist bases. With reference to Florestan, these aspects will be developed in this work.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Cuba, neo-colonialism and revolution.			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo, insurreições e revoluções: teoria e história			

Introdução

Este trabalho surge a partir do desafio de estudar Cuba, ao longo de uma caminhada junto aos companheiros e companheiras no Grupo de Estudos do Pensamento Latino-Americano – GEPLA- da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, no intuito de compreender seu processo histórico e o que ele representa para os demais países latino-americanos. À luz de Florestan Fernandes, se pretende trazer a Revolução Cubana como um caminho que se abriu as demais nações apontando um novo horizonte de desenvolvimento econômico, político e social que difere do capitalismo, além de concretizar o que antes parecia impossível: romper com a estrutura colonial que se perpetuara pela história.

A realidade histórica latino-americana vem sendo tecida desde os remotos tempos em que os europeus partiram para a conquista além-mar, ancorando seus navios como sanguessugas pela América. Como introduziu Enrique Dussel, “fomos a primeira ‘periferia’ da Europa moderna”(DUSSEL,1993, pág. 16) e na história global fomos forjados a ser a seiva de acumulação da riqueza alheia. Desde a conquista¹, a avidez por lucros foi um impulso forte para os europeus colonizarem o “novo mundo” direcionando o sistema colonial nas Américas para explorar suas riquezas naturais e humanas. O nosso destino foi ferido. Como menciona Eduardo Galeano, tornarmos a região das “veias abertas”:

É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. (GALEANO, 1978, p. 5)

Sobre o solo e a história latino-americana, uma chaga foi aberta e por ela escoaram os recursos para apropriação externa metropolitana e logo mais imperialista. As Independências não tiveram condições objetivas e subjetivas para romper com a estrutura do antigo regime. Primeiro por que a descolonização não poderia se dar sobre o capitalismo neocolonial e dependente. Segundo, por que os estratos dominantes não tinham interesses em modificar as estruturas econômica e política que garantiam seus privilégios. A Independência permitiu uma organização concentrada do poder das elites nativas e uma afinidade de interesses dessas para com as nações centrais, Florestan denomina como uma reciprocidade de interesses esta relação que para ele

¹ Conforme Enrique Dussel,(1993,pág 44) A “conquista” é um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o Outro como o “si-mesmo”. O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a se incorporar à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como “encomendado”, como assalariado.

marcava a dominação externa de forma indireta que prolongaria sobre o neocolonialismo. Os desdobramentos histórico e revolucionários antes e depois da Independência, vão se dar de forma igual e peculiar na América Latina dependendo das condições objetivas e subjetivas das respectivas colônias. Aqui nos interessa trazer a experiência de Cuba, única que esfacelou por completo as amarras neocoloniais e imperialistas, revelando como que a pequena ilha do Caribe superou e desagregou o seu passado colonial e neocolonial, convertendo os seus rumos para o socialismo e escancarando possibilidades de uma nova civilização para toda América.

Cuba colonial e neocolonial

Antes de trazer as características e o desenvolver histórico do colonialismo e do neocolonialismo, é importante ressaltar uma das peculiaridades de Cuba que Florestan considera de duas faces: histórica e estrutural. A primeira, é a perenidade com que ocorrem as revoltas contra o colonialismo e a dominação metropolitana e que não se repete pelas demais colônias. A primeira iniciativa revolucionária em Cuba se deu em 1868, com a chamada “Guerra dos Dez Anos” liderada por Carlos Manuel Céspedes, com uso da guerrilha e que durou até 1878. Logo após, houve vários levantes populares e a segunda maior iniciativa popular foi a revolução de 1895 sob as competências de José Martí, este que

Cooperou com várias tentativas fracassadas, organizou grupos de exilados, deu mil conferências, movimentou-se, organizou febrilmente até fundar a 10 de abril de 1892 o Partido Revolucionário Cubano. Entre as bases do partido- que Martí redigiu com seu próprio punho e letra- lê-se que seu objetivo é conseguir a independência de Cuba e auxiliar e fomentar a de Porto Rico. Que a nova Cuba não se propõe a perpetuar, sob disfarces ou alterações mais aparentes que reais, o espírito autoritário e a estrutura burocrática do regime colonial. O ideal é fundar um novo povo que viva em “sincera democracia”. (POMER, 1981, p. 59).

Convocando o general Máximo Gomez a compor um comando de guerra pela independência, Martí considerava a situação madura para dar início a luta (idem, p. 57) e contrata três barcos para conduzir homens e partir para a ação revolucionária. Os barcos são presos pelos espanhóis em 1895 e uma onda de levantes retoma sobre Cuba. Martí é morto em combate, mas seu vigor revolucionário fora transmitido pela gerações. A massa da população se agita e diversos trabalhadores, liderados por Máximo Gomez, paralisam nas fazendas de açúcar e ameaçam colocar fogo nos canaviais. (idem, pág 62). Em fevereiro de 1897 a Espanha declara a autonomia de Cuba e “logo depois, a 1º de janeiro de 1899, a bandeira espanhola que já havia sido arriada é substituída

pela norte-americana.” (Idem, p. 62). A outra face é análoga às demais colônias, os estratos dominantes não possuíam força social para conduzir uma ação revolucionária contra a ordem colonial ,adiante as ditaduras dominantes e a satelitização aos Estados Unidos. Acontece que destruir o sistema vigente supunha acabar por completo com suas vantagens e isso não fazia parte dos planos da elite nativa, pelo contrário, queria absorver o máximo possível da parte que lhes cabia no circuito interno de produção e,

A independência que se criava era a dos estamentos privilegiados e o Estado nacional independente nascia antes mesmo da Nação, como expressão da vontade coletiva e dos interesses de dominação econômica, social e política da *gente válida*, ou seja, como uma maneira de organizar a voz política dos donos de fato do poder e dar continuidade às estruturas de produção e de exportação montadas previamente. (FERNANDES, 1981, p.81)

Foi um longo período de “revoluções frustradas”, mas, acontece que as tentativas frustradas de uma revolução nacional em Cuba acumularam tensões e forças sociais para mais adiante alcançar a vitória final.

A posição estratégica de Cuba para o império espanhol facilitou o desenvolvimento colonial funcionando como entreposto militar e comercial dando suporte à Espanha nas Américas. A exploração do solo e a criação de bovinos era propícia à Cuba pelas suas condições geográficas. No entanto, a extração do ouro e da madeira não teve muito êxito e a criação não foi capaz de expandir a economia. Por um tempo, “cuba permaneceu como uma pérola sem brilho do império colonial” (FERNANDES, 2012, pág. 46). No século XVIII, as revoltas no Haiti e em São Domingos fizeram com que plantadores franceses e espanhóis investissem em terras cubanas para o plantio do café e da cana, isso expandiu e diversificou a economia dentro dos seus limites quanto colônia, suficiente para reproduzir sua condição. Neste período, o setor urbano expandiu e a colônia mantinha uma dinâmica comercial com a metrópole. Nenhum estamento tinha interesse e força para lutar contra a ordem existente. Mesmo com o pacto comercial para com os espanhóis, os produtores cubanos acessam ao mercado estadunidense e a partir do século XIX, “século de ouro”, Cuba se insere ao mercado capitalista norte-americano contando com uma flexibilidade da metrópole.

Os *hacendados* não dispunham de uma base material que lhes permitisse, a um tempo, lutar contra a Coroa e substituí-la; eles não podiam, pois, desempenhar (naquele momento e mesmo meio século depois) o papel histórico de estamento revolucionário. Sua situação de interesses não se voltava para a emancipação nacional e a constituição de um Estado soberano, mas para a continuidade do *status quo* e, principalmente, para a eclosão econômica que entrou em curso dos fins do século 18 em diante. (FERNANDES, 2012, Pág. 49)

O século XIX abre novos rumos para a colônia. O açúcar se torna o principal produto de produção e exportação estimulando o escravismo e a concentração de terras e introduzindo uma moderna tecnologia à sociedade colonial, que logo se adapta às novas formas. Tem-se uma “revolução econômica dentro da ordem” impulsionada pelo estímulo capitalista e que beneficiava estamentos privilegiados, capitalistas externos e espanhóis.

Ocorreu, pois, uma revolução econômica dentro da ordem colonial que, de um lado estimulou o escravismo e a concentração da propriedade fundiária e, de outro, suscitou uma intensa modernização tecnológica e uma profunda transformação nas relações de classes (seria melhor dizer: entre os vários estamentos e castas). O peculiar, de um ângulo histórico sociológico, é que essa evolução, em Cuba, se dá dentro e através da dominação colonial direta da Espanha. O antigo regime colonial não foi nem abolido nem derrocado: ele se adaptou às condições históricas em que ocorre essa revolucionária alteração do padrão de desenvolvimento econômico e sociocultural da colônia. (Idem, p. 50)

O desenvolvimento trazido pela modernidade, se esbarra frente a sustentação daquela ordem social e uma mistura do arcaico com o moderno vai criando novas formas de organização da tutela colonial. Cuba moderna surgia, e seus reflexos se lançavam sobre todos os aspectos da vida social. Neste sentido, Florestan (2012, p. 63) salienta: “As contradições vinculadas à modernização da colonização e ao processo de levar a colonização até o fundo se deslocaram da construção de uma sociedade nacional para a elaboração de uma sociedade neocolonial”.

Objetivamente, sabe-se que nem a metrópole nem os estamentos mais privilegiados tinham condições de promover uma descolonização e construir uma sociedade nacional em Cuba. O que fizeram, foi apoiar a ocupação militar estadunidense e a concretização de um Estado neocolonial estreitando as relações comerciais. Tais relações se davam através da introdução de capitais e produtos estadunidenses, além da presença de investidores norte-americanos. Florestan (2012, p. 82) diz haver uma reciprocidade entre os estratos privilegiados e as nações centrais segundo ele, “[...] dessa reciprocidade procedia o marco que a dominação externa assumia como dominação indireta, independente de estruturas legais e políticas de dominação”. Os estamentos dominantes caminharam quase de maneira igual na América Latina, olhando para suas necessidades e cuidando audaciosamente dos seus bens. Por isso não desenvolviam algum interesse junto à massa da população já que seus privilégios de classe eram garantidos e reservados principalmente pela segregação social do poder político e econômico daquela sociedade. O garu de privilégios levava essa camada social a uma verdadeira inércia quando o assunto era acabar com aquela ordem. A revolução era vista da sua maneira rasa e propícia para a reprodução do *status quo*. Nas revoluções de 1868 e 1895, os estratos dominantes, que vão se desenrolar nas burguesias, foram incapazes de se colocarem em marcha e de se mobilizar, em ambas revoluções o poder colonial e neocolonial

permaneceram inabaláveis. Com o desenvolvimento do capitalismo, os estamentos que dominavam vão se transformando em classes burguesas e os seus interesses vão girar sobre o capitalismo neocolonial e dependente, fato é que esse atrelado ao desenvolvimento do capital faz com que estas classes sejam impedidas subjetivamente de se situarem revolucionariamente.

Com as novas transformações, surge uma instabilidade política e os Estados Unidos buscam controlar essa instabilidade através do seu poder militar, diplomático e político com “[...] uma satelitização que privaria Cuba de qualquer autêntica soberania nacional (mesmo relativa)” (FERNANDES, 2012, p. 64), e se livrando das responsabilidades da dominação direta. O interesse externo e interno pela mudança se dava apenas no âmbito econômico, político e tecnológico enquanto as estruturas coloniais ficavam intactas, concretizando uma modernização com a preservação da velha ordem. Ainda sobre a nova forma de dominação, sistema *indirect rule*, podemos dizer que se trata de uma “[...] situação típica, transitória ou permanente, na qual a dominação indireta gradual limita o alcance e os ritmos da descolonização, freando-a em proveito da nação ou das nações hegemônicas” (FERNANDES, 2012, p. 66). Essa hegemonia indireta que crescera gradualmente impediu o quanto pôde a construção de um Estado Nacional cubano apoiada pelos estratos que controlava o poder interno - mesmo possuindo poderes, os EUA jamais conseguiriam seus êxitos se não fossem as elites cubanas funcionando por tanto tempo como “vanguarda da contrarrevolução” por conta da sua composição ter sido sobre uma forte dependência externa, impossibilitando uma auto-organização de classe e um mínimo de consciência política. O neocolonialismo crescia, “[...] de fora para dentro e de dentro para fora” (Idem) e os Estados Unidos souberam aproveitar a crise do antigo sistema e impedir a revolução nacional-democrática criando um novo tipo de colonialismo ao seu comando. “Em todas as esferas prevaleciam controles indiretos e descentralizados operados à distância: a órbita nativa funcionava como cadeia de transmissão e, com frequência, de execução” (FERNANDES, 2012, p. 73) e a lógica da dominação indireta era justamente retirar as responsabilidades transferindo-as para a sociedade controlada. Aqui se faz primordial frisar que o imperialismo estadunidense vinha sendo brotado ao longo do período colonial chegando a sua fase de crescimento maior no período neocolonial. Durante todo esse crescimento, influenciou de forma ativa na consolidação da classe burguesa. Por isso, a suposta “debilidade burguesa” para com a situação revolucionária precisa ser esclarecida. De fato, segundo Florestan, ela não se concretizava. A questão não era a fragilidade destas classes mas sim da condição subordinada à ordem maior, o que fez com que estas mesmas burguesias não desenvolvessem um olhar político-revolucionário de destruição do capitalismo.

A produção do açúcar predominava em Cuba e o desenvolvimento capitalista se misturava com a modernização e os vestígios coloniais. Foi preciso expandir o latifúndio para sustentar o

movimento de exportação açucareiro que chega ao seu auge com os “superengenhos”, o pequeno proprietário foi eliminado e se tornou proletário. O tráfico de escravos aumentava junto com a pobreza e miséria da massa da população e as novas formas de produzir baseadas nas leis capitalistas deixavam suas marcas aos seus explorados. Florestan (2012, p. 79) ressalta:

A reprodução ampliada do capital era dimensionada para gerar, ampliar e intensificar a exploração de toda a colônia, embora a verdadeira carga devesse recair nos ombros dos trabalhadores das várias categorias e nos setores mais pobres da população.

As consequências não poderiam ser outra: a exploração capitalista neocolonial sugava riquezas do solo e vidas, concentrando contradições. Conforme Florestan, em nenhuma outra parte a dominação neocolonial chegou a ser tão completa quanto em Cuba.

A capacidade extraordinária da revolução cubana

A revolução cubana não foi prevista. Tampouco seu caráter socialista, pois os revolucionários tiveram que descobrir e fazer seu próprio caminho e com isso descobriram onde queriam chegar. No patamar das revoluções na América Latina, a cubana tem o seu devido destaque. É ela que descortina o “congelamento da descolonização”² e leva a descolonização até o fim. E mais importante, ela estabelece a experiência socialista nas Américas que para Florestan, é a essência da revolução cubana, por isso ela ultrapassa a Cuba trazendo um novo tipo de sociabilidade que difere daquela imposta. Para compreender como que Cuba, na sua situação conjuntural, chega a uma das mais belas e esplêndidas revoluções do século XX, é preciso salientar que não existe um elemento único para tal “salto revolucionário”. O caminho foi construído, e por ele se encontrava situações e elementos que contribuíram significativamente para a *gran victoria*. Nas várias tentativas revolucionárias de emancipação nacional, mesmo antes da Guerra dos Dez Anos (1968-1978), o nacionalismo cubano foi sendo engendrado nas diversas camadas sociais ao seu modo, e quando as tensões econômica, política e social se acirraram foi decisivo para o avanço do empenho pela emancipação nacional. Esse nacionalismo foi “[...] desenvolvido de baixo para cima, sob uma

² Segundo Florestan Fernandes (1981, p. 82), Congelar a descolonização constituía um pré-requisito estrutural e dinâmico não só da “defesa da ordem”, do “combate à anarquia”, da “preservação da propriedade” etc.; esse era o requisito número um da nova articulação entre os estamentos senhoriais e os estamentos intermediários em ascensão potencial com os centros de dominação econômica externa, ou seja, literalmente, do padrão neocolonial de crescimento do capitalismo.

constante fermentação política radical-nacional, que oscilava nos momentos de maior tensão econômica, social e política” (FERNANDES, 2012, p. 91).

Vários sentimentos nacionalistas surgiram contra o neocolonialismo. Se por um lado tinha os que queriam uma revolução nacional dentro da ordem do capital, impossível de acontecer, por outro, tinha os que carregavam um anticapitalismo e possuíam um “nacionalismo libertário”. Aos poucos, o nacionalismo autêntico da revolução cubana se moldava entre as classes se transformando em um “conteúdo de classe” da revolução. No decorrer do século XX as ditaduras impostas em Cuba vão acirrar as contradições e é na década de trinta que se dá início as lutas contra a ditadura de Gerardo Machado y Morales. Em seguida, é o ditador Fulgêncio Batista que comanda a máquina governamental de reprimir e extirpar qualquer tentativa de revolução democrática. Os ânimos nacionalistas se afluam. As várias classes se unificam para acabar com o regime de Batista e o desenvolvimento capitalista pela via competitiva se torna impossível. O caminho se fecha. O neocolonialismo chegara ao seu ponto final sendo insustentável e o eixo de transformação capitalista se transforma para uma emancipação nacional com uma nova ordem que conseguisse anular os vestígios coloniais e neocoloniais ainda presentes. Desse modo,

A luta contra Batista ganha o centro do palco e a derrota do imperialismo aparece como uma consequência. No entanto, se se vai ao fundo das contradições que trabalharam (ou movimentaram) aquela situação revolucionária, descobre-se: 1. Que sua razão de ser não era a “impotência burguesa”, mas a inviabilidade, nas condições cubanas, da ordem social neocolonial e a impossibilidade de conseguir-se, dentro dela, uma transformação capitalista do capitalismo existente; 2. Que os processos históricos iriam deslocar rapidamente o eixo de gravitação dessa situação revolucionária da transformação capitalista inviável para a construção de uma ordem social que rompia em todos os pontos com o passado e com o presente, convertendo a liberação nacional, o anti-imperialismo e a revolução democrática na espinha dorsal do nascimento de novas formas sociais de produção, de organização da sociedade e de ordenamento do Estado. Ao ativar-se, em suma, a descolonização rompeu com o que se tornara uma camisa de força capitalista e imprimiu à situação revolucionária os ritmos e os alvos das revoluções proletárias do século 20. (FERNANDES, 2012, p. 98).

Para compreender melhor esses desdobramentos, Florestan orienta que é preciso considerar alguns elementos na relação e conflito entre as classes e o porquê da oposição ao neocolonialismo proporcionou uma revolução social. Começando pelas relações entre classes, estruturalmente a burguesia nativa estava fragmentada segundo seus interesses respectivos, não possuía uma coesão ideológica ou política e ficava sob o julgo do imperialismo que a orientava. A capacidade de ação política destas burguesias era presa aos ditames econômicos, que lhes cabiam privilégios, sendo impossível de responder às circunstâncias históricas postas. A revolução não partiu e nem poderia partir desta classe, o mastro da revolução teria de ficar nas mãos “dos de baixo”. A massa da

população e as classes trabalhadoras, eram conduzidas por uma revolta moral ao sistema e mantinham dificuldades em emergir uma situação verdadeiramente revolucionária.

Por sua vez, os movimentos de massa vinculavam-se às classes trabalhadoras e retiravam sua dinâmica dos processos estruturais mais profundos, pelos quais as greves, a luta por liberdade, pela democracia, e por condições de trabalho etc., os tornavam ativos na desagregação da ordem social neocolonial e na expansão simultânea da ordem social competitiva. Respondiam a uma postura nacionalista e anti-imperialista, mas ela não lhes fornecia uma ética revolucionária.(FERNANDES, 2012, p. 103)

Apesar das dificuldades de uma evolução política no sentido ético revolucionário por parte das classes trabalhadoras, a única saída podia ser vista naquelas classes. Eram elas que teriam que aproveitar a “oportunidade histórica” e transformar a sua força em uma ferramenta de desagregação de toda tutela imperialista e do domínio burguês. “Portanto, é de baixo para cima, das classes trabalhadoras e da população pobre que parte a principal força desagregadora da ordem, o dissolvente invisível e o fator básico da deterioração do poder da burguesia e de seus governos” (FERNANDES, 2012, p. 104). A crise do sistema colonial se intensifica e é ela que vai desencadear a situação revolucionária. Cuba terá de enfrentar os desafios de um país nascido e projetado sobre um mando, um domínio externo, que explorou o possível e o impossível de todos recursos ali existentes e deixou suas terríveis marcas. Do “fundo do poço” os massacrados e oprimidos viram suas forças surgirem e se levantaram pela emancipação de Cuba e adiante, unificam uma barreira socialista expulsando de vez os restos do imperialismo estadunidense da ilha.

As massas populares, “os debaixo” e uma geração de jovens com caráter radical-político, compartilhavam de uma insatisfação que se agravava contra a ditadura de Batista. Seguidamente, surge uma ocasião revolucionária espontânea e que crescia devido à capacidade de organização dos que mais sofriam dentro do sistema. Para se efetivar quanto nação, a revolução cubana teria que levar a fundo a destruição total da ordem colonial e a fez com ardor e amor revolucionário. A “revolução dentro da ordem” era fracasso, passado. O que se colocava era uma revolução fiel à emancipação e soberania do país. Os revolucionários tiveram de ter pulso forte, e a guerrilha foi um instrumento essencial para a revolução, dando capacidade de enfrentar e acabar com a tirania burguesa e a dominação dos Estados Unidos, educando os guerrilheiros para a ação política revolucionária e fazendo com que Cuba alcançasse o socialismo.

A revolução cubana não ocorreu por acidente. Já se tem salientado a “impotência burguesa” e o papel revolucionário dos “jovens rebeldes”. Todavia, não é secundário o entrevamento dos Estados Unidos, vitimados por um mau hábito: limitaram-se a intervir e a colaborar através do governo preposto (exatamente no momento em que a “República intervenida” chegava ao colapso final!). E, em particular, não é secundária a situação revolucionária, que brotava de uma

ordem social neocolonial em crise, em desagregação e em vias de desmoronamento, e cresceu contra a ordem graças à capacidade de organização e de protesto das classes trabalhadoras e das massas populares em Cuba. Por fim, sem o seu engatamento com a liberação da classe operária, o significado político da guerrilha seria muito menor. Havia um armazenamento ou acumulação secular de forças sociais na sociedade cubana. A revolução é o produto de todas essas forças sociais na sociedade cubana. (idem, Pág. 108)

A acumulação de forças sociais se perpetuou e deu solidez à situação revolucionária. A guerrilha, que surge das situações revolucionárias, portanto antecede a Guerra dos Dez Anos, conquista seu espaço histórico-revolucionário e engendra uma qualidade ímpar às consequências revolucionárias, “[...] uma revolução contra a ordem cheia de fé, alegre e exuberante, que buscou e descobriu seus caminhos na fusão entre povo, nação e Estado em Cuba” (Idem, Pág. 109). A guerrilha permitiu a Cuba peculiaridades à revolução. Para melhor esclarecer, Florestan (Idem, Pág. 109) revela que,

Essa via armada- embora instrumental e intrinsecamente política- de chegar-se ao socialismo só teve semelhante importância em Cuba. Ela desaparece, por si mesma, como a “política por outros meios” na única forma social possível. Por isso, é preciso discuti-la aqui, pelo menos para assinalar dois pontos centrais: 1. O que conferia à guerrilha essa força histórica tão decisiva, criadora e surpreendente; 2. Por que a guerrilha e o guerrilheiro desapareceram, mas o espírito da guerrilha dura até hoje, identificando-se como o próprio espírito da revolução cubana.

A força histórica da guerrilha tem seu nascimento com as primeiras experiências cubanas com a luta armada na qual foi desenvolvida na Guerra dos Dez anos (1868-1878), revolução de 1895 e nas diversas ditaduras que tiveram de ser enfrentadas, já que para os revolucionários não tinha sido revelado quantas revoluções teriam de enfrentar. Portanto, a guerrilha não surge com a revolução de 1959. Ao derrotar a ordem neocolonial, a guerrilha também destrói o poder imperialista estadunidense que agia através dos poderes institucionais internos e liquida toda defesa daquela ordem existente. A nova história que se lançava em Cuba, a partir da guerrilha trouxe novas aspirações revolucionárias e acumulou forças perenes vitais para a procedência revolucionária. Por fim, Florestan (FERNANDES, 2012, p. 112) elenca algumas funções primordiais da guerrilha:

A guerrilha desempenhou cinco funções distintas. Primeiro, abriu, por via militar, um espaço histórico para a atuação organizada das forças sociais revolucionárias. Segundo, retirou a guerra civil do estado de intermitência prolongada e de eclosão esporádica, de baixa ou nenhuma eficácia política. Terceiro, lançou à guerra civil a massa da população e tornou ativos contra a ordem e a mão armada os “proletários” e os “humildes”, no campo e na cidade. Quarto, elevou, assim, o teor revolucionário da guerra civil e o manteve aceso, ao servir de garante às aspirações econômicas, sociais e políticas das classes trabalhadoras e da população pobre (graças a esta função da guerrilha, as alterações revolucionárias absorveram o impacto do setor excluído da sociedade cubana). Quinto, operou, do começo ao

fim, como a bússola política da revolução que deveria extinguir a guerra civil, canalizando politicamente as energias sociais virgens, que as classe trabalhadoras e a população pobre lançaram no circuito histórico, e orientando-as no sentido de que atuassem, coletivamente, como o motor da revolução nacional e democrático-popular. (idem, pág. 112).

As estratégias foram sendo desenvolvidas e os novos rumos de Cuba foram descobertos ao passo que a essência revolucionária nascia das entranhas da sociedade cubana. Graças à desenvoltura histórica e o desembrulhar da organização política-militante Cuba teve o seu “salto revolucionário” e insurgiu contra toda história latino-americana de exploração e expropriação dos povos.

Conclusão

Florestan demonstra a sua simpatia e respeito pela revolução cubana e sua análise vem, preenchida de uma objetividade de sociólogo e ardor militantemente socialista, o que desperta em seus estudos um respeito e admiração lúcida por Cuba socialista e pela nacionalidade latino-americana que nos pertence. A revolução cubana é o endereço ao qual temos que frequentar se quisermos olhar para nossas raízes sócio-históricas comuns à América Latina, e se dispor a uma saída pelo caminho da desagregação total do que nos mantém subdesenvolvidos e dependentes.

As condições estruturais e ideológicas que Cuba teve de enfrentar, nos dá a certeza do que é possível encarar, e “novas Cubas terão de surgir, porque não é possível deter a história” (FERNANDES, 2012, p. 25). Como já previa Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar”, o sistema de superexploração chegará aos seus limites históricos, econômicos e políticos e os que são privilegiados por ele, o defende com unhas e dentes. Não se pode “deter a história”. Sobre a experiência cubana, não podemos pôr em questão “[...] o que o socialismo ainda não chegou a produzir nem na União Soviética, nem na China, nem na Iugoslávia, nem no Vietnã, nem em outros países socialistas.” (FERNANDES, 2012, p. 25). A capacidade extraordinária da revolução cubana se dá pela conquista histórica da pequena ilha do Caribe, em que “[...] as condições difíceis se mostraram do modo mais difícil”, com a derrubada e expulsão dos Estados Unidos por completo do seu território e a efetivação da ideologia socialista na constituição e uma autêntica nação. Como dizia Galeano, “[...] recuperar os bens que sempre foram usurpados, equivale a recuperar o destino” (GALEANO, 1978) e Cuba procurou e conseguiu recuperar o seu destino tomando com suas próprias mãos o que no passado remoto e recente lhe foi roubado. Não se pode negar fraquezas ou erros que poderiam ter sido cometidos pelos revolucionários em Cuba, isso nos livra de um simples

simpatismo romântico e nos leva a um lúcido respeito e admiração pelo que foi e continua a ser, a vitoriosa revolução cubana.

Compreender a fundo o processo histórico da revolução vitoriosa em Cuba requer desprender-se de simplismos e resumos do que foi o processo histórico cubano. O tamanho e a feliz procedência desta revolução exigem cuidados e compromissos do pesquisador. Portanto, é de Cuba que vem para toda América Latina a energia e possibilidade concreta de transformar a sua condição real de pobreza, miséria, subdesenvolvimento, dependência, corrupção e toda perversidade do modo de produção capitalista, em uma sincera democracia, em uma nação soberana livre da opressão e supressão externas e internas.

Referências

FERNANDES, Florestan. “*O Problema da descolonização*”. In: FERNANDES, F. *Poder e Contrapoder Na América Latina*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
_____. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

POMER, Leon. *As independências na América Latina*, São Paulo: 3ª. ed, Brasiliense, 1981.